

Uma intervenção arquitetônica para resgatar o jardim histórico do Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani – Patrimônio de Santa Maria, RS

An architectural intervention to rescue the historic Garden of the Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani – heritage of Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

Émille Schmidt Gaklik*
Denise de Souza Saad**
Caryl E. J. Lopes***

Resumo: Perante o crescente desenvolvimento de políticas e ações para preservação patrimonial dos bens da sociedade verificado durante os últimos anos, destaca-se a preocupação com a forma de intervir nos patrimônios a fim de conservá-los e, ao mesmo tempo, adaptá-los a usos mais atuais sem oferecer riscos ao direito dos herdeiros de presenciar bens representativos de suas cidades e sua história. A noção de patrimônio cultural não se restringe a bens edificados pelo homem, mas inclui a paisagem e demais exemplos de interação do homem com a natureza. No município de Santa Maria – RS, o jardim histórico do Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani – de tendência eclética, datado aproximadamente do final da década de 1940 e início da década de 1950 – se encontra obsoleto, sem inserção de atividades e visitação de público, com poucos cuidados e apresentando degradações. A metodologia aplicada no trabalho constou de um estudo de caso. Foram realizados levantamentos de dados - levantamento métrico, fotográfico e das patologias existentes. As manifestações patológicas encontradas no local foram representadas em Mapas de danos - ferramenta usada como pré-requisito para a elaboração de projetos de intervenções em edificações, que visa localizar, quantificar e especificar os danos físicos encontrados em um bem histórico. Os resultados, depois de tabulados e interpretados, culminaram na elaboração de um Projeto de Intervenção para o local. Através deste, o jardim será conservado e adaptado a um uso mais atual, garantindo sua preservação patrimonial e resgatando sua cultura local.

Palavras-chave: Conservação. Jardim Histórico. Museu. Projeto de Intervenção.

Abstract: Facing the growing development of policies and actions for heritage preservation of the assets of the society during the last years, it is mentioned that there is a care with how to intervene in assets in order to save them and, at the same time, adapt them to the most current uses with no risk to the right of heirs to enjoy representative goods of their cities and their history. The notion of cultural heritage is not limited to goods built by man, but includes also the landscape and other examples of human interaction with nature. In the municipality of Santa Maria-RS, the historical garden of the Educational Museum Gama d'Eça and Victor Bersani - of eclectic trend, dated approximately from late 1940 and early 1950 – is obsolete and there is no

* Mestra em Engenharia Civil – Construção Civil e Preservação Ambiental.

** Doutora em Engenharia Civil. Universidade Federal de Santa Maria.

*** Doutor em Arquitetura. Universidade Federal de Santa Maria.

insertion of activities and public visitation. The historical garden has only little care and shows deterioration. The methodology applied in the work consisted of a case study. Data surveys were conducted like as metric and photographic and surveys of existing conditions. Pathological manifestations found at the site were represented on maps of damage. This tool is used as a prerequisite for the development of projects of building interventions and aims to locate, quantify and specify the injuries found in a historic property. The results, after tabulated and interpreted, culminated in the preparation of an intervention project for the site. Through this, the garden will be maintained and adapted to a more current use, guaranteeing its preservation of assets and redeeming their local culture.

Key-words: Conservation. Historic Garden. Museum. Intervention project.

1 Introdução

Diante da urgência de ações para preservação patrimonial dos bens da sociedade, destaca-se a necessidade de uma intervenção no jardim histórico do Palacete Dr. Astrogildo de Azevedo, situado no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul. O Palacete, caracterizado por seu decorativismo, é um exemplo da arquitetura magnificente de tendência eclética do centro histórico da cidade. Seus aposentos, desde 1985, concentram as coleções do Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani, pertencente à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o qual participa da formação cultural e educacional da população expondo seu arquivo e educando pela imagem.

O jardim se encontra em desuso, sem inserção de atividades e visitação de público, com poucos cuidados e contendo muitas patologias e degradações em suas peças decorativas e pavimentações. Este trabalho foi realizado com o intuito de promover melhorias e adequações na infraestrutura do jardim, a fim de devolvê-lo à população santa-mariense como patrimônio cultural da cidade. O primeiro passo para tal objetivo constou da realização do mapeamento das manifestações patológicas existentes no jardim. Através deste, é possível definir suas prováveis causas e danos, bem como, as condutas a serem adotadas frente a estes. Após essa etapa, propôs-se um projeto de intervenção para o local.

2 Preservação e intervenções em jardins históricos

Os jardins históricos conduzem os visitantes a novas atitudes e ao vislumbre de realidades até o momento, desconhecidas. Para Delphim, “os jardins históricos são o mais rico exemplo de testemunho da relação entre a cultura e a natureza, testemunho que se preserva no caráter das intervenções realizadas no local e no estado de espírito dos que dele usufruem” (DELPHIN, 2005, p. 8). De acordo com Conselho Internacional de Monumentos e Sítios/ICOMOS, “um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público. Como tal é considerado um monumento” (Carta de Florença, Art.01, ICOMOS/IFLA, 1981). A preservação de jardins históricos é justificada por sua importância histórica e artística, por sua significação cultural, a qual contribui para fortalecer a memória e a identidade de uma sociedade, tanto na leitura quanto na qualificação da cidade (ANDRADE, 2009). A Carta de Florença menciona, ainda, que: “um sítio histórico é uma paisagem definida, evocadora de um fato memorável: lugar de um acontecimento histórico maior, origem de um mito ilustre ou de um combate épico, assunto de um quadro célebre etc” (Carta de Florença, Art.08, ICOMOS/IFLA, 1981).

Apesar de encarado como artefato humano destinado ao prazer e à contemplação, o jardim público desempenha também a função de testemunho dos códigos de conduta de uma determinada época. Conhecer a maneira que uma sociedade se apropriou do espaço livre urbano revela aspectos de sua história como valores, costumes, instrumentos de política além da percepção da própria cidade. Desse modo, o jardim histórico é aquele que pertence ao passado, recente ou não (ANDRADE, 2009).

Sob o ponto de vista do mesmo autor, o jardim histórico se destaca das demais categorias de patrimônio ambiental urbano, por apresentar laços comuns com o patrimônio natural e com a qualidade de vida na cidade. Sua degradação representa perdas à qualidade ambiental da malha urbana, lacunas em nosso passado histórico e o comprometimento de nossa herança patrimonial.

A composição projetual do jardim engloba os diferentes perfis do seu terreno, suas massas vegetais-essências, volumes, cores, espaçamentos e alturas, seus elementos construídos ou decorativos e as águas moventes ou dormentes (CURY, 2000).

A definição de diretrizes para conservação e restauração dos jardins históricos data do final da década de 1970. Até esse momento, muitos jardins foram perdidos ou depredados, tanto por interesses políticos e especulativos quanto por desconhecimento por parte de sua administração e do próprio público. A depredação ocasionou também a descontextualização desses jardins já que sua relação com o entorno era ignorada (ANDRADE, 2009).

Somente em 1981, por meio do Comitê Internacional de Jardins Históricos e do *International Comitee on Monuments and Sites/ International Federation of Landscape Architects*- ICOMOS/IFLA, foi elaborada uma carta referente à proteção dos jardins históricos, a Carta de Florença (Anexo A). Baseada nos princípios da Carta de Veneza, ela estabelece regras para orientar qualquer ação proposta para um jardim histórico, permitindo que a preservação desses bens se faça de forma mais sistematizada (DELPHIM, 2005).

Somente a partir dessa adoção pelo ICOMOS que a maioria dos países incluiu os jardins de interesse histórico nas suas legislações de proteção. No entanto, medidas concretas ou estudos de preservação e conservação não foram imediatamente adotadas. Em 2005, o ICOMOS reformulou seus comitês científicos e determinou que o Comitê Internacional de Jardins Históricos e Sítios passasse a ser denominado Comitê Científico de Paisagens Culturais, com uma linha de atuação que englobasse além dos jardins históricos, todas as paisagens culturais (ANDRADE, 2009).

Andrade (2009) afirma que as paisagens com funções ecológicas como os Parques Nacionais são protegidas pelas legislações de conservação da natureza, sob a atribuição de órgãos ambientais. No Brasil, o órgão responsável é o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA). As paisagens de valor histórico e cultural como os jardins, quando reconhecidas por seu valor patrimonial, seguem a legislação adotada na proteção de outros bens imóveis patrimoniais.

2.1 Considerações para Intervenções em Jardins Históricos

Nas intervenções em jardins de interesse histórico, as adaptações tem uma maior complexidade, pois os espaços internos e externos apresentam uma interatividade e existe também uma dificuldade por parte dos profissionais técnicos de conciliar a “imaterialidade” da vegetação e suas inevitáveis substituições com os preceitos da disciplina da preservação (ANDRADE, 2009, p. 74).

O jardim não permanecerá imutável, porque é impossível, são coisas vivas. Mas da forma como um jardinista¹ pode esperar que um jardim se preserve, ele será preservado. Eventualmente uma planta será substituída por uma jovem, que nasce ao lado, como se faz em nosso Jardim Botânico [...]. Toda a coleção, o grande viveiro, tudo é conhecido, está relacionado e especificado, com indicação da quantidade e da qualidade. Já não é mais o mesmo, com certeza, de quinze anos atrás, alguma planta desapareceu e outra surgiu. Mas a conservação se fará mantendo o desenho original. [...]. Se no futuro irão respeitá-lo ou não, é o mesmo problema para qualquer outra obra de arte. No caso dos jardins, em geral, a pergunta cabe e é complexa. [...] (CAMPOFIORITO, 2000 apud ANDRADE, 2009, p. 75).

As intervenções em Jardins Históricos não devem competir com os bens protegidos e sim colaborar para sua valorização. Sempre que possível, devem ser reversíveis, considerando que esta reversão cause o mínimo possível de danos ao sítio. A visibilidade do conjunto ou de suas partes não pode ser prejudicada, devendo-se deixar livres os eixos visuais necessários à contemplação dos elementos de valor (IPHAN, 1999).

Delphim (2005) ainda cita que essas intervenções propostas não podem afetar a integridade e a autenticidade dos jardins. São as intervenções que devem se adaptar às restrições impostas pela excepcionalidade e fragilidade dos bens protegidos. Estas podem se integrar ou contrastar com o conjunto natural e seus elementos. Quando visar promover a integração, deve-se adotar técnicas e materiais locais e regionais e evitar simulações de um passado fictício, chamadas como falso-histórico. Na busca do contraste, a contemporaneidade da intervenção deve ficar evidente.

¹ A palavra jardinista é adotada para referenciar quem é versado ou se dedica ao jardinismo, à criação, projeto e cultivo de jardins. Pode ser usada para designar quem gosta muito de jardins ou jardinagem. Também é sinônimo de paisagista (HOUAISS et al., 2009).

O autor ainda esclarece que em sítios naturais protegidos, as operações de manutenção e conservação tem prioridade sobre as de restauração, e estas, sobre as de inovação, que nunca devem expor o bem a impactos negativos, danos, riscos ou ameaças a seus valores culturais. Comumente ocorrem intervenções equivocadas, que causam graves danos ao ambiente dos jardins. Um exemplo é a tendência de remoção de muros originais, substituindo-os por grades. Alterações como essa podem degradar e alterar a função e ambiência do sítio. O jardim, que, etimologicamente, significa “local fechado e reservado a situações especiais”, deve ser contemplado como local de introspecção e de íntima relação do visitante com o sítio, o que o distingue dos parques e praças, com configurações abertas.

Em cidades movimentadas, a derrubada dos muros com o intuito de permitir aos passantes com veículos a contemplação do interior dos jardins, traz para dentro deles aquilo que o autêntico apreciador dos jardins foge ao procurá-los. Da mesma maneira que as paredes das edificações históricas não são derrubadas para permitir aos passantes sua contemplação sem adentrar no seu interior, não há necessidade de desconsiderar o valor monumental dos jardins históricos, fazendo a substituição dos muros por grade, transformando o ambiente calmo em confusão e perturbação urbana. Essa substituição afeta tudo que se pretende preservar, como a flora e fauna, o meio físico, o microclima, as condições de circulação do ar, a temperatura e a fruição do usuário (DELPHIM, 2005).

Quanto à iluminação de um jardim histórico, Delphim (2005) afirma que devem ser evitadas luzes supérfluas, desnecessárias à estética e à segurança e lâmpadas de vapor de mercúrio porque afetam o sistema de orientação dos insetos. A única justificativa para a iluminação de um jardim histórico é a necessidade de segurança noturna ou para a realização de eventos noturnos. Quanto mais escuro for mantido o ambiente do jardim, melhor é para a fauna, flora e ecossistema. O uso de lâmpadas de vapor metálico provocam impactos menos elevados. A cor da luz também deve ser considerada, já que algumas, como as lâmpadas de vapor de sódio, tingem a paisagem.

Ainda segundo as orientações de Delphim (2005) a iluminação do jardim não deverá ter todas as luzes acessas ao mesmo tempo e os circuitos de iluminação deverão oferecer a possibilidade de ser desligados após a ronda da guarda. As luzes devem ser direcionadas para baixo, evidenciando os caminhos e não para cima, para não perturbar o sono dos pássaros. Deverá ser prevista a iluminação dos monumentos

edificados, fontes, esculturas e elementos ao longo do percurso. Toda fiação deverá ser subterrânea e o projeto deve considerar a situação das raízes e copas das árvores. Na vizinhança das divisas do terreno, a iluminação deve ser deslocada para locais periféricos e nunca implantada em locais nucleares que atinjam áreas maiores.

A sinalização do sítio deve causar a menor interferência possível na paisagem, tanto em relação à aparência quanto à quantidade de placas, fato que reduz também custos de instalação e manutenção. Somente as vias principais devem ser assinaladas, assim, o visitante descobre gradualmente o sítio, de forma prazerosa, à medida que o percorre (IPHAN, 1999).

Conforme descrito pelo IPHAN (1999), placas interpretativas explicando aspectos históricos ou naturais só devem ser dispostas em pontos essenciais. As placas de menor altura causam menos interferência, mas devem ser situadas abaixo da cintura para que possam ser vistas facilmente por crianças. Informações pormenorizadas podem ser oferecidas em folhetos e logomarcas. No exterior do sítio, placas e *outdoors* que possam ser percebidos do seu interior, também devem ser proibidas.

3 O Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani

A instituição é constituída pela fusão de dois museus, o Museu Educativo Gama d'Eça e o Museu Victor Bersani, ambos pertencentes à Universidade Federal de Santa Maria. O museu Victor Bersani teve sua fundação em 29 de janeiro de 1914, por um grupo de viajantes e o Museu Educativo Gama d'Eça em 23 de julho de 1968, através da consignação do Professor José Mariano da Rocha Filho, reitor da UFSM naquele período (UFSM, 1987).

Ambos apresentam como objetivo o estudo, seleção, classificação e catalogação dos materiais das mais diversas áreas de interesse (história, arte, etnografia, paleografia, etc) com o escopo de expor seu arquivo e educar pela imagem tanto os estudantes de diversos níveis escolares como a população de toda área geoeeducacional da UFSM (UFSM, 1987).

É notório o fato do Museu Educativo Gama d'Eça já ter sido considerado nos planos da Cidade Universitária do professor José Mariano da Rocha Filho. Como observado na planta original da UFSM-a nova cidade-, já havia um espaço reservado ao Museu, o qual estaria localizado entre o prédio da Administração Central e o

Planetário. Pensava-se em algo semelhante ao Museu de Ciências do Smithsonian Institution, de Washington (UFMS, 1988).

No entanto, a primeira sede do Museu Gama d'Eça deu-se na sala 5106, no térreo do prédio do então Centro de Ciências Pedagógicas. Em 28 de fevereiro de 1979, o museu teve sua segunda sede, no prédio número 21, o último dos denominados "prédios básicos", adquirindo mais espaço físico (UFMS, 1987).

No final da gestão do reitor Derblay Galvão, no ano de 1981, o Museu Victor Bersani, pertencente à Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV), foi incorporado ao Museu Educativo Gama d'Eça por doação desta sociedade. Já que o Museu Educativo Gama d'Eça não possuía espaço suficiente para abrigar os acervos dos dois museus, o Museu Victor Bersani permaneceu com seu funcionamento no mesmo local onde se encontrava (UFMS, 1987).

Dessa forma, os dois museus permaneceram com sedes separadas; um no campus da UFMS e outro no centro da cidade-ocupando a sede da SUCV-até que fossem concluídas as demandas pelo reitor Armando Vallandro para escriturar e remodelar o prédio onde durante vários anos funcionou a Prefeitura Municipal (UFMS, 1987).

No ano de 1964, durante a gestão do reitor Mariano da Rocha, foi iniciada pela UFMS a negociação da atual sede do Museu, a qual também estava sendo requisitada pela Prefeitura Municipal que o havia ocupado até 1984 (UFMS, 1987).

O palacete passou por alterações ao longo dos anos 90, principalmente no seu interior. Uma ampla reforma com projeto do arquiteto José Júlio de Oliveira Barberena, do escritório Técnico de Obras da UFMS foi realizada neste período (ALMEIDA; BRENNER, 2003). Em 10 de dezembro de 1985, sob a gestão do reitor Armando Vallandro, a reforma do prédio foi finalizada e a nova sede dos Museus Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani foi inaugurada (UFMS, 1987).

Atualmente, conforme registro no Sistema Brasileiro de Museus, o acervo do Museu Educativo Gama d'Eça e Victor Bersani é de aproximadamente 12.000 peças, distribuídas em 3 grandes áreas: História, Artes e Ciências (IBRAM, 2010).

3.1 A sede do Museu: O palacete Dr. Astrogildo de Azevedo

O palacete que abriga os Museus foi construído em 1913, por solicitação do Dr. Astrogildo Cezar de Azevedo, que ali residiu e estabeleceu seu consultório médico. Com sua morte, ocorrida em 22 de maio de 1946, o palacete passou por herança à sua filha, Estela de Azevedo Beleza, casada com Miguel Maria Beleza. Nesse período, aconteciam no palacete, festas memoráveis. Aos belos jardins, o casal acrescentou duas piscinas, as primeiras existentes em uma residência santa-mariense. Como o casal não teve filhos, o palacete foi deixado aos seus sobrinhos (MORALES, 2008). O palacete (Figura 1) teve projeto do arquiteto alemão Theodor Wiederspahn² e a execução da obra acompanhada pelo engenheiro Henrique Schütz, chefe da filial de Santa Maria do Escritório de Engenharia de Rudolf Ahrons³ (FOLETTTO, 2008).



Figura 1 - Palacete Dr. Astrogildo em fotografia de 2010.
FONTE: GAKLIK, 2012.

² Nasceu em Wiesbaden e em 1908, por viagem de núpcias com sua segunda esposa, emigrou para o Rio Grande do Sul, onde já se encontrava seu irmão Heinrich Josef, contratado para construção do ramal Montenegro-Caxias do Sul da Viação Férrea. Não sendo contratado na mesma empresa de seu irmão por problemas burocráticos, empregou-se como arquiteto responsável pelo departamento de projetos do Escritório de Engenharia Rudolf Ahrons, permanecendo neste até seu fechamento, o qual fora desencadeado pela Primeira Guerra Mundial (WEIMER, 2004). Com o fim da firma, Theodor Wiederspahn teve de concorrer com outros arquitetos que estavam chegando a Porto Alegre, no entanto, o entre-guerras ainda foi um tempo favorável para seus projetos. Quando o movimento modernista chegou ao Estado, a partir do fim da década de 1940, sua obra passou a ser menosprezada (WEIMER, 2009).

³ Este escritório marcou época na construção do Rio Grande do Sul, com projetos notáveis como os prédios da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito da UFRGS, da Cervejaria Bopp, dos Correios e Telégrafos (atual Memorial do Rio Grande do Sul), do hotel Majestic (atual Casa de Cultura Mário Quintana), várias sedes bancárias, edifícios comerciais e palacetes. Também foi responsável pelo projeto do porto de Porto Alegre e do seu correspondente aterro, das ruas Sete de Setembro até a avenida Mauá. Devido à crise econômica e ao início da Primeira Guerra Mundial, o escritório de engenharia de Ahrons foi fechado no final de 1915 (WEIMER, 2004).

Foletto (2008) menciona que desde sua construção, o palacete Dr. Astrogildo de Azevedo passou por inúmeras modificações no seu corpo principal, no entanto, nenhuma alterou seu desenho original, exceto aquelas necessárias para abrigar o museu. Caracterizado por seu decorativismo e estrutura arquitetônica, trata-se de um prédio de tendência eclética. Na parte central da fachada, linhas horizontais demarcam os blocos construtivos. Ornamentos com medalhões, elementos florais e decorativos adornam as esquadrias. A platibanda é formada por balaústres de cimento e contorna todo o edifício.

Antes da inauguração do Museu, o palacete passou por uma reforma por responsabilidade da UFSM executada pelos engenheiros José Basílio Neto, Erni Gomes, Geraldo Isaia, Renato Walter e Edson da Rocha (setor elétrico), com assessoria dos arquitetos Júlio Barberena e Luiz Gonzaga Binato de Almeida. As construtoras Portella e Aguirre de Castro foram as responsáveis pela execução da reforma (FOLETTTO, 2008).

O prédio também recebeu reparos em 2006. Nessa data houve a colocação de um anteparo na fachada principal para evitar a permanência de vendedores ambulantes em frente ao prédio e o ponto de táxi foi desviado um pouco para trás, devido à construção do corredor de ônibus implantado na Rua do Acampamento (BAISCH, 2008).

Baisch (2008) descreve que, nesta data também foram construídos três anexos ao fundo do lote, próximos ao palacete (Figura 2). O primeiro foi projetado para abrigar a carruagem do Conde de Porto Alegre e para servir de auditório; o segundo, para abrigar parte do acervo e o terceiro, para servir de reserva técnica visitável. É válido ressaltar que estes anexos são de volume, caráter e porte ínfimos se comparados ao prédio principal.



**Figura 2 – Anexos do Palacete Dr. Astrogildo, ao fundo do lote.
FONTE: GAKLIK, 2012.**

3.2 O jardim do Palacete

Com autoria e período desconhecidos, acredita-se que o jardim do palacete data provavelmente da década entre 1940 e 1950, pois se sabe que neste período o casal Maria e Miguel Beza inseriu as piscinas e o minicastelo e também porque as fotografias que mostram o jardim datam desta época. O casal convidava seus amigos, vizinhos e os filhos destes para se banharem nas piscinas, as primeiras existentes no centro da cidade e para aproveitarem os espaços de descanso do jardim.

Por apresentar elementos de diversas tipologias, como balaústres, fontes, caramanchões e espaços de estar, considera-se que o jardim (Figura 3) é expressão do eclétismo. O jardim eclético se caracteriza com o tratamento do espaço livre de acordo com uma visão romântica e idílica, procurando recriar nos espaços as imagens de paraísos, campos bucólicos ou jardins de palácios reais. Os espaços criados se destinam à contemplação, ao passeio e ao flunar e incorporam no seu ideal uma concepção pitoresca de mundo, típica da sociedade europeia do século XIX (MACEDO, 1999).



**Figura 3 – Fotografia do jardim visto do alto do Edifício taperinha.
FONTE: GAKLIK, 2012.**

3.2.1 Características do jardim

O jardim segue alguns princípios ordenadores como a sua subdivisão em níveis e conforme atividades semelhantes. O primeiro nível denominado “Jardim dos Naipes” por apresentar o formato dos naipes das cartas de baralho em seus canteiros era destinado à contemplação. O segundo nível, que contém caramanchões, o minicastelo, a rosa dos ventos e a piscina infantil era designado às brincadeiras das crianças e à supervisão dos adultos. O último nível, com a piscina adulta, a casa de vestir e os recantos com mesas, era proposto ao lazer.

3.2.1.1 Jardim dos Naipes

O Jardim dos Naipes, como a própria denominação sugere, se constitui de canteiros com os formatos imitando paus, ouros, copas e espadas das cartas de baralho. Além destes, canteiros retangulares contornam um dos lados do muro que delimita o terreno. Através da observação de fotografias antigas se percebe a existência de uma fonte ao centro dos canteiros com formato dos naipes e de uma cerca de madeira dividindo os espaços entre os dois níveis - Jardim dos Naipes e segundo nível (Figura 4). Entre os canteiros dos naipes, tijolos maciços formavam quadrados que remetiam a dados, os quais serviam de suporte a luminárias. A pavimentação desse nível é de piso cimentício e alguns ornamentos em litocerâmica vermelha ao redor dos canteiros. Os canteiros com formato dos naipes e a escadaria são constituídos com tijolos maciços.



**Figura 4 – Fonte no centro dos canteiros do Jardim dos Naipes.
FONTE: SPERB, década de 1950.**

3.2.1.2 Segundo nível

Este nível contempla os espaços destinados às brincadeiras das crianças como o minicastelo que servia de minizoológico e a piscina infantil. Caramanchões com pérgolas e mesas e cadeiras feitas com rodas de carroça eram usados para descanso e estar. Desses espaços os adultos podiam supervisionar as crianças.

O caramanchão que continha os bancos e mesas com rodas de carroça era descoberto (Figura 5). Apresentava luminárias e pavimentação em ladrilho hidráulico. O caramanchão dividido em platôs era coberto com pérgola e a pavimentado com diferentes tipos de ladrilho hidráulico. A rosa-dos-ventos e o minicastelo são constituídos de tijolos maciços. A pavimentação nos espaços externos aos caramanchões era de litocerâmica vermelha.



**Figura 5 – Caramanchão com mesas e bancos feitos com rodas de carroça.
FONTE: SPERB, década de 1950.**

3.2.1.3 Terceiro nível

O terceiro nível do jardim corresponde àquele que contém a piscina maior, destinada aos adultos. Aos fundos da piscina, embaixo do trampolim (Figura 6), ficava a “casa de vestir”⁴ usada pelos banhistas. Atrás desta, existia um serpentário, de finalidade e características desconhecidas. Recantos ornados com muitos balaústres eram responsáveis pela delimitação deste nível do jardim. A piscina era constituída por ladrilhos hidráulicos distintos daqueles ladrilhos que compunham os recantos. Os balaústres eram feitos de argamassa armada e se dispõem imprimindo ritmo aos espaços.

⁴ O termo “Casa de vestir” era usado para designar o correspondente a vestiário - compartimento de uma residência, casa de espetáculos, restaurante, etc, onde são guardados momentaneamente as roupas e acessórios dos frequentadores ou visitantes (HOUAISS et al., 2009).



**Figura 6 – Piscina com trampolim.
FONTE: SPERB, década de 1950.**

4 Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido através de um estudo de Caso Único, determinado pela unidade-caso: o jardim. Devido à inexistência de desenhos técnicos do jardim, foi necessário realizar o levantamento físico e fotográfico da área, bem como o levantamento das manifestações patológicas existentes. Depois de concluídos os levantamentos métricos, fotográficos e das manifestações patológicas do jardim, teve início a confecção dos Mapas de danos (Tinoco, 2009, Pacheco 2011). Estes foram elaborados com o auxílio do programa Auto CAD e Arqui 3d (versão 2007) e servem para representar graficamente e sintetizar o levantamento de todos os danos físicos identificados no jardim. O trabalho foi finalizado com a realização de um projeto de intervenção, visando a reformulação e adequação da infraestrutura do local.

5 Resultados

5.1 Situação atual do jardim

O jardim se encontra sem visitação dirigida, sem inserção de atividades e sem maiores cuidados. Durante muito tempo, teve seus canteiros e elementos escondidos por entulhos e resíduos de lixo (Figura 7), os quais eram lançados pelos moradores das edificações vizinhas. Somente em 1998 a direção do Museu reuniu uma equipe

com 11 trabalhadores da companhia de limpeza pública da cidade para a retirada da sujeira. Essa limpeza, na qual foram retiradas cinquenta caçambas de entulhos, contou com o auxílio financeiro da Associação Amigos do Museu e da reitoria da UFSM. Essa data é tida como uma “redescoberta” do jardim, no entanto, ele continuou sem uso e recebendo apenas uma manutenção mensal.



Figura 7 – Estado do jardim antes da limpeza- piscina infantil.
FONTE: acervo do Museu Educativo Gama d’Eça e Victor Bersani, 1998.

Durante a realização da limpeza em 1998, foram encontrados os canteiros do Jardim dos Naipes, dos quais um se encontrava inteiro - naipes Copas, um pela metade - naipes Paus e dois não existiam mais - naipes Ouros e Espadas. Estes últimos foram refeitos nesse período. Também foram encontradas uma das colunas revestidas com litocerâmica que ficava próxima à escadaria de acesso ao jardim e demais colunas constituintes do muro que separava o Jardim dos Naipes do segundo nível. Estas foram recolocadas em seu local original. A fonte que existia entre os canteiros com formato de naipes não foi localizada (DUARTE, 2011).

Os espaços próximos à piscina maior são ornados com balaústres. Destes, há muitos elementos faltantes ou degradados. A pavimentação é constituída por diferentes tipologias, como paralelepípedo, lajota e litocerâmica e se encontra bastante deteriorada. O jardim dos naipes é o único local que apresenta canteiros cuidados e com vegetação.

Nota-se que a evolução dos níveis de degradação é surpreendente. Cada nova visita mensal ao jardim revela uma situação mais agravante (Figura 8). O terreno está cedendo de forma incessante, o que afeta a pavimentação e a estabilidade dos elementos componentes do jardim. A negligência dada ao local agrava cada vez mais

as manifestações patológicas e degradações ali existentes. Portanto, seu estado de conservação é crítico, sendo que se nenhuma atitude for adotada em breve, este está sujeito ao risco de desaparecimento.



Figura 8 – Fotografia do jardim durante o outono de 2011.
FONTE: GAKLIK, 2012.

5.2 Mapeamento, representação e análise das manifestações patológicas encontradas no jardim do museu

Foram esses mapas que conduziram ao conhecimento do estado de conservação do jardim, sendo fundamentais para fundamentação da postura de intervenção a ser seguida. Baseado em Tinoco (2009) e Pacheco (2011) foi elaborado um modelo de Mapa de danos para ser aplicado a cada nível ou elemento do jardim a ser estudado (Figuras 9, 10 e 11). Esse modelo se utiliza dos desenhos técnicos em que os danos estão graficados e de fotografias das patologias. As representações usadas para os danos nos desenhos técnicos foram extraídas do padrão Cronidas para Mapa de danos, desenvolvido por Costa (2010), o qual luta para difundir e padronizar tais representações gráficas. Através do Mapa-modelo, os dados foram organizados, de maneira clara e objetiva proporcionando uma fácil compreensão do tema abordado.

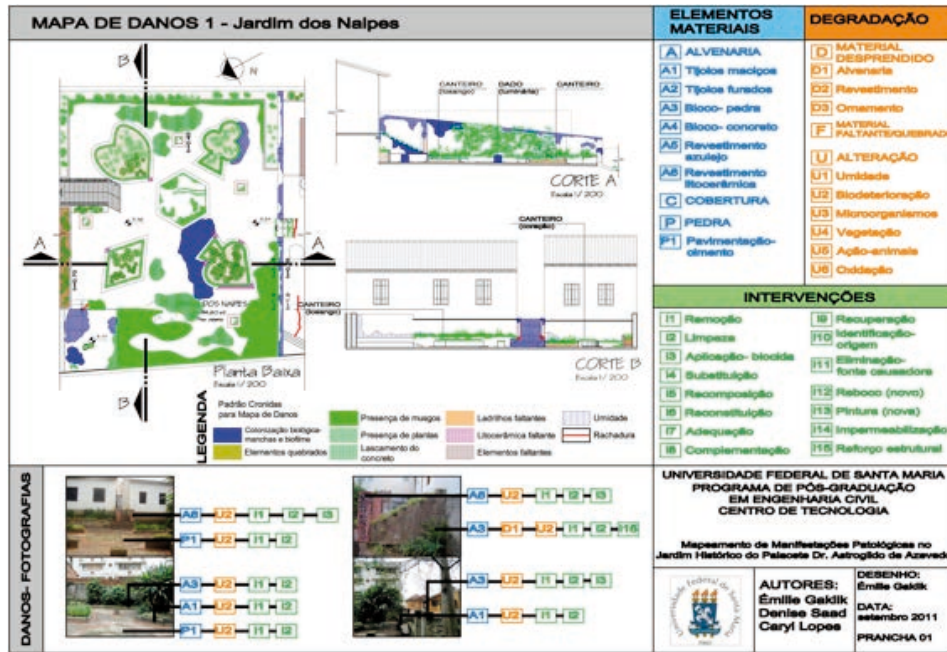


Figura 9 – Mapa de Danos 1 – Jardim dos Naipes. FONTE: adaptado de GAKLIK, 2012.

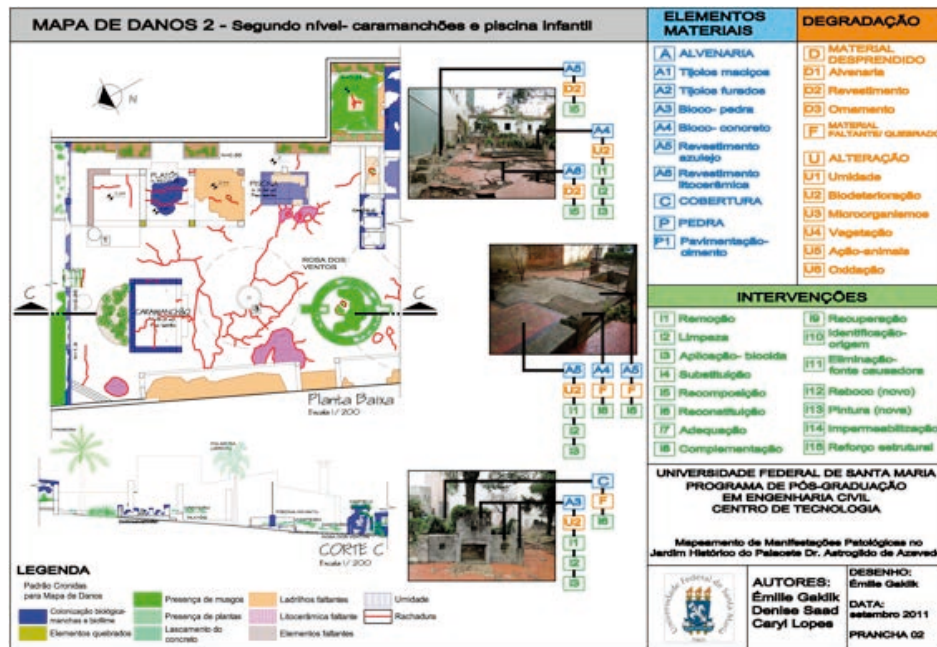


Figura 10 – Mapa de Danos 2 – Segundo nível do jardim. FONTE: adaptado de GAKLIK, 2012.

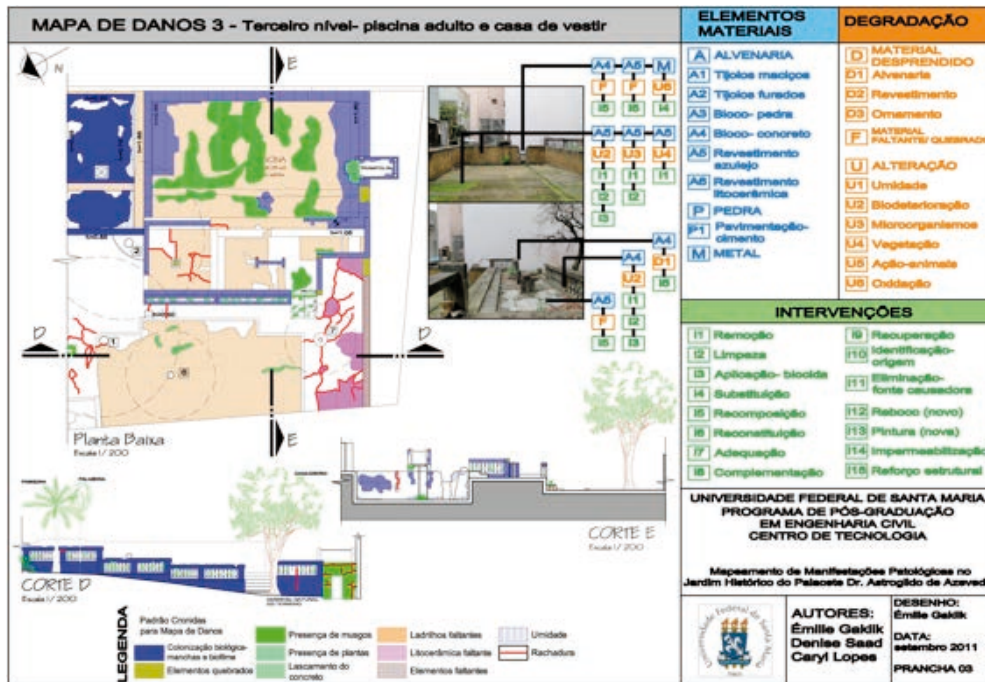


Figura 11 – Mapa de Danos 3 – Terceiro nível do jardim.
 FONTE: adaptado de GAKLIK, 2012.

Os resultados obtidos a partir dos levantamentos das manifestações patológicas e representados nos mapas de danos foram analisados de forma descritiva, ou seja, através de uma leitura mais direta dos dados e representados através de gráficos.

Através da quantificação geral (Figura 12) das manifestações patológicas encontradas em cada nível do jardim, constatou-se que o terceiro nível apresenta maior diversidade de patologias, no entanto, a maior ocorrência se dá na presença de biodeterioração e na quantidade de ladrilhos faltantes. O segundo nível possui a maior incidência de rachaduras e o primeiro nível, a maior porcentagem de umidade. A patologia com maior incidência nos três níveis do jardim foi a biodeterioração. No entanto, dos três níveis do jardim, o terceiro nível apresenta maior taxa de ocorrência.

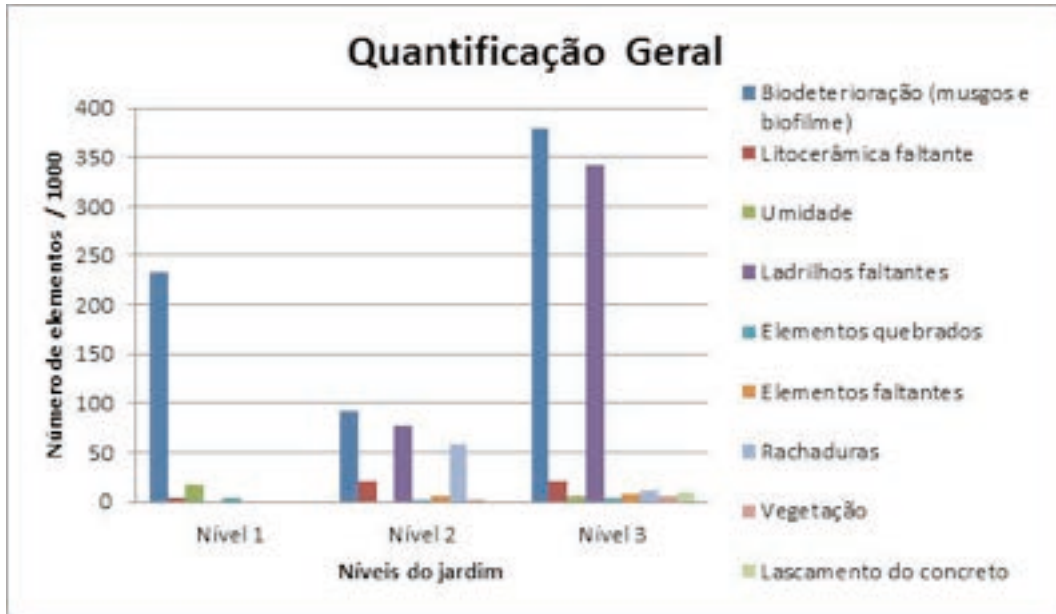


Figura 12 – Gráfico com a quantificação geral de patologias encontradas no jardim.
Escala utilizada: percentual 1/1000.
FONTE: GAKLIK, 2012.

Com relação aos elementos faltantes ou quebrados quantificados nos três níveis do jardim, conclui-se que o primeiro nível do jardim - Jardim dos Naipes – apresenta o maior número de elementos quebrados. O terceiro nível – piscina e trampolim – tem o maior número de ladrilhos e de litocerâmica faltantes. As porcentagens de elementos quebrados averiguadas no segundo nível foram menores que as do primeiro e terceiro nível. Entretanto, o segundo nível apresenta uma maior porcentagem de litocerâmica e de elementos faltantes do que o Jardim dos Naipes.

Sintetizando, dentre todas as representações das manifestações patológicas encontradas, pode-se concluir que por se tratar de um jardim, exposto aos agentes ambientais e climáticos e aos agentes biológicos a biodeterioração é a mais abrangente. A quantidade de ladrilhos, litocerâmica e elementos faltantes também é considerada significativa. As rachaduras encontradas principalmente no segundo nível comprometem a estabilidade da pavimentação, contudo, não foi constatada a incidência de rachaduras que comprometam a existência de outros elementos ou adornos. A maioria das manifestações patológicas verificadas no local pode ser sanada com métodos simples de correção.

6 Projeto de Intervenção para o jardim

Diante da necessidade de adaptação do jardim para um uso mais atual, para trazê-lo de volta à população santa-mariense e seus visitantes, desenvolveu-se um projeto de Intervenção. Neste, foram mantidas as principais características dos níveis do jardim como os canteiros em formato de naipes, o minicastelo, a rosa-dos-ventos e o caramanchão. Outros elementos, como os platôs e as piscinas foram adaptados e transformados para a contemporaneidade, adquirindo dessa forma, um novo uso ao mesmo tempo em que remetem à sua atividade original. Para não prejudicar a visibilidade do conjunto e de suas partes, o eixo central do jardim foi mantido livre de obstáculos e apto a proporcionar o percurso pelos três níveis. A proposição de um café cultural para complementar e estimular a visita e permanência das pessoas no local também foi ponderada.

O partido adotado para o projeto foi baseado no estabelecimento de duas macrozonas: a estática e a dinâmica. A idéia consistiu em contrapor os espaços estáticos, ou seja, os locais destinados a atividades mais calmas e de contemplação com espaços mais dinâmicos, insinuando movimentação e proporcionando a interação do visitante com os elementos do jardim. O primeiro nível do jardim (Figura 13), espaço estático, recebe espaço para mesas de jogos e novo paisagismo nos canteiros. O muro que separa o Jardim dos Naipes do segundo nível é valorizado com a composição de ripados de madeira com vegetação trepadeira.



Figura 13 – Intervenção no Jardim dos Naipes – mesas para jogos.
FONTE: GAKLIK, 2012.

No segundo nível (Figura 14), os platôs recebem pergolado de madeira, sendo uma alusão ao antigo caramanchão e uma forma mais leve e contemporânea de valorizar o espaço além de proteger a pavimentação de ladrilhos existente. A zona dinâmica proposta (Figura 15) abrange a piscina infantil e os espaços relacionados ao terceiro nível. A primeira, é transformada em fonte. Parte da piscina maior é coberta com um deck de madeira, servindo de suporte às mesas do café. A porção que fica descoberta acolhe uma cascata. O espaço que apresenta uma antiga fonte é remodelado com a inserção de grelhas com fontes interativas, as quais podem ser controladas, sendo acionadas quando necessário.



**Figura 14 – Segundo nível do jardim – caramanchão, espaços de estar e fonte na antiga piscina infantil.
FONTE: GAKLIK, 2012.**



**Figura 15 – Terceiro nível do jardim – café cultural, deck de madeira e Espaço das Águas.
FONTE: GAKLIK, 2012.**

O denominado “Espaço das Águas” propicia novo uso ao local, movimentação com o uso do elemento água e remete às atividades anteriores, relacionadas com o mesmo elemento. O posicionamento do café – ao final do terceiro nível - foi estratégico para conduzir o visitante a apreciar todo o jardim. A casa-de-vestir é adaptada para servir de apoio às atividades de depósito do jardim e do café.

O projeto de Intervenção recomendado respeita a premissa de que as intervenções em Jardins Históricos devem ser reversíveis e, que esta reversão cause o mínimo possível de danos ao sítio. Dessa forma, quando houver a necessidade de nova intervenção ou modificação de uso no jardim, os decks de madeira, as grelhas que contém as fontes interativas, os ripados que compõem a decoração dos muros e a estrutura do café podem ser retiradas e os elementos componentes do sítio voltarão a aparecer no seu estado original.

7 Considerações finais

Com a realização deste trabalho, demonstrou-se a importância do patrimônio cultural, representado pela paisagem e demais exemplos de interação do homem com a natureza. O jardim histórico do palacete Dr. Astrogildo de Azevedo – objeto deste estudo - desconhecido pela maioria da população santa-mariense merece ser resgatado e preservado como patrimônio cultural da cidade.

O jardim do Palacete Dr. Astrogildo de Azevedo, de autoria desconhecida, traz elementos de diversas tipologias, como balaústres, fontes, caramanchões e espaços de estar. Neste foram inseridas as primeiras piscinas existentes no centro da cidade. Outras curiosidades são a existência de um minicastelo que servia de minizoológico, de canteiros com formato dos naipes das cartas de baralhos e de um serpentário. Ambos – jardim e palacete - são expressão do ecletismo e marcos de um passado glorioso da cidade de Santa Maria – RS.

Diante da emergente necessidade de ações para preservação patrimonial dos bens da sociedade, destaca-se em nosso meio, a urgência de uma intervenção nesse jardim. No entanto, a identificação das manifestações patológicas existentes no jardim representa o ponto de partida para a ação de preservação e reestruturação do local. Perante essa premissa, tiveram início os estudos sobre o local.

Referente às manifestações patológicas encontradas nos três níveis, pode-se concluir que a biodeterioração é a mais abrangente. A quantidade de ladrilhos, litocerâmica e elementos faltantes também é expressiva. As rachaduras localizadas principalmente no segundo nível afetam a estabilidade da pavimentação, contudo, não foi constatada a existência de rachaduras que comprometam outros elementos ou adornos.

Para findar e complementar o trabalho, um projeto de Intervenção foi desenvolvido com a finalidade de conservar e adaptar o jardim a um uso atual e compatível com as atividades desenvolvidas pelo Museu, garantindo assim, sua preservação patrimonial e o resgate de sua cultura local.

Salienta-se a importância da manutenção periódica do jardim. Aconselha-se que esta seja realizada no mínimo uma vez ao mês. Tal procedimento além de simples, possui custos baixos e sua adoção evita danos maiores nas edificações. Portanto, a manutenção é a principal medida a ser seguida para que a deterioração dos bens patrimoniais não aconteça de forma intensa que venha a prejudicar sua perpetuação para as demais gerações.

Referências

ANDRADE, Inês El-jaick. **Dimensão ambiental do patrimônio verde público urbano: o impacto do entorno urbano nos jardins de interesse histórico.** São Paulo: USP, 2009. 284 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009.

BAISCH, Lucas Figueiredo. **Casa Astrogildo de Azevedo: uma proposta de intervenção-Escola de Fotografia de Santa Maria.** Santa Maria: UFSM, 2008. Dissertação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

COSTA, Luís Gustavo Gonçalves. **Cronidas: elaboração da base de dados para auxílio em representação de mapa de danos.** Salvador: UFBA, 2010. 263 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, 2010.

CURY, Isabelle (org). **Cartas Patrimoniais-Edições do Patrimônio.** 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Intervenções em jardins históricos: manual.** Brasília: IPHAN, 2005.

DUARTE, Maria Izabel Mariano da Rocha. **Jardim do Palacete Dr. Astrogildo de Azevedo.** Santa Maria, 23 nov. 2011. Entrevista concedida a Émille Schmidt Gaklik.

FOLETTTO, Vani Terezinha (org). et al. **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

GAKLIK, Émille S. **Jardim histórico do Palacete Dr. Astrogildo de Azevedo**: mapeamento de manifestações patológicas e métodos de limpeza. Santa Maria: UFSM, 2012. 203 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

IBRAM. Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

ICOMOS/IFLA – CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS/COMITÊ INTERNACIONAL DE JARDINS E SÍTIOS HISTÓRICOS. Carta de Florença. 1981. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=252>>. Acesso em: 26 ago. 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Manual de intervenção em jardins históricos**. Brasília: 1999. Disponível em:<http://www.monumenta.gov.br/upload/Manual%20de%20interven%20E7%E3o%20em%20jardins%20hist%20F3ricos_1168623285.pdf>. Acesso em: 05 set. 2010.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo: Quapá, 1999.

MORALES, Neida Ceccim (org). **Santa Maria: memória-1848-2008**. Santa Maria: Pallotti, 2008. p.103,120.

PACHECO, Luiza Segabinazzi. **Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac- 110 anos: preservação e historicidade**. Santa Maria: UFSM, 2011. 140 p. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

SPERB, Heracilda Oliveira. **Jardim do Palacete Dr. Astrogildo de Azevedo**. Santa Maria, década de 1950. Fotografias digitalizadas por Maria Izabel Mariano da Rocha Duarte. 1 CD (20 fot.): preto e branca.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. **Mapa de danos: recomendações básicas**. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Olinda, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). Boletim Informativo do Museu educativo Gama d'Eça e Victor Bersani. Santa Maria: n.2, ano 2, ago. de 1987.

_____. Boletim Informativo do Museu educativo Gama d'Eça e Victor Bersani. Santa Maria: n.3, ano 3, maio de 1988.

WEIMER, Günter. **Arquitetos e construtores no Rio Grande do Sul: 1892/1945**. Santa Maria: UFSM, 2004.

_____. **Theo Wiederspahn: arquiteto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

Recebido em: 26.12.2012

Aceito em: 08.01.2014